

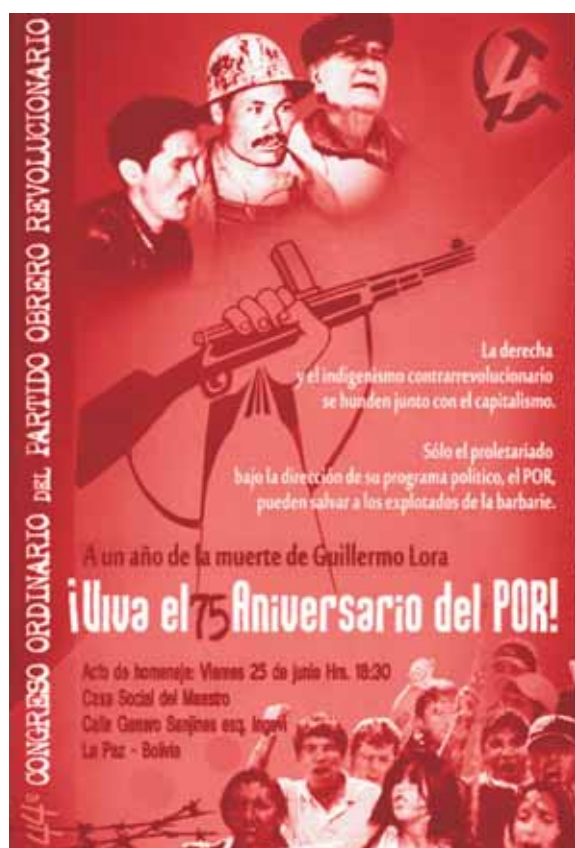


Boletim do

Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

Publicação trimestral do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional - Versão em Português - Outubro de 2010 – R\$ 1,00

75º aniversário do POR boliviano



A um ano da morte do crda. Guillermo Lora, se realizou o 44º Congresso Nacional do Partido Operário Revolucionário, na cidade de La Paz, nos dias 26 e 27 de junho.

É o primeiro congresso que se realiza com a ausência do camarada Lora e sob a direção de novos combatentes revolucionários, produto do trabalho paciente, incansável, do crda. Guillermo e do programa de Marx, Lenin e Trotsky.

A agonia total do capitalismo nas metrópoles imperialistas se reflete na economia e situação social do país. O fracasso político do MAS no poder é mais uma expressão da total impossibilidade de que países capitalistas atrasados, como Bolívia, inseridos na economia mundial pela ação expansionista do capital financeiro em função dos interesses deste, possam resolver sua condição de atraso no marco do capitalismo.

A linha política do MAS é pró-burguesa; igual a todos os programas esgotados pelos movimentos pequeno burgueses de nossa história, que a seu turno utilizaram linguagens radicais e

Publicamos em sua homenagem:

- Breve histórico do POR boliviano
- Viva a IV Internacional! Em defesa do Programa de Transição!
- 70 anos do assassinato de Trotsky

75º aniversário do P.O.R. / Bolívia – 1935 / 2010

À MEMÓRIA DE NOSSOS MÁRTIRES: CESAR LORA, ISAAC CAMACHO, JULIO CESAR AGUILAR, JUÁN CARLOS THOMPSON, ALBERTO PÉREZ, JULIO TORANZOS, RICARDO TRONCOSO, QUE ENTREGARAM A VIDA NA LUTA REVOLUCIONÁRIA.

À MEMÓRIA DE NOSSOS QUADROS DESTACADOS QUE LUTARAM CONSEQUENTEMENTE ATÉ SEU ÚLTIMO ALENTO: GUILLERMO LORA, EDUARDO MENDIZABAL, AGAR PAÑARANDA, ROSE MARIE VARGAS

VIVA O 44º CONGRESSO NACIONAL DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO!

ameaçadoras pretensamente revolucionárias e anti-imperialistas sem mudar a base econômica da burguesia entreguista, está condenada a fracassar e culminar chocando com as massas que por um momento se encantaram com a presença no governo de um indígena camponês.

O “anti-imperialismo” e “socialismo” do M.A.S. são só discursos demagógicos para usufruir e viver do poder.

Seguimos repetindo Marx, passando pela experiência da grande Revolução Proletária Russa de Lenin e Trotsky, que o capitalismo agonizante leva a humanidade ao abismo da destruição humana. Isso, se o PARTIDO DA CLASSE OPERÁRIA REVOLUCIONÁRIA nacional e mundial não se transformar no partido dirigente das massas trabalhadoras efervescentes, cujo instinto comunista busca liquidar o capitalismo e construir o socialismo proletário.

VIVAM OS MÁRTIRES DO TROTSKISMO BOLIVIANO
VIVA O PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO

75 anos de combate pela revolução proletária

O Boletim do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional dedica este número especialmente aos 75 anos de existência do Partido Operário Revolucionário na Bolívia. Editamos uma síntese da história do partido marxista-leninista-trotskista escrita por Guillermo Lora, em julho de 1997, portanto há 13 anos. A exposição didática permite que se tenham os principais momentos do nascimento do partido, o processo de construção do programa, a penetração no proletariado mineiro, a formação dos quadros marxistas proletários, as cisões por razões programáticas, a luta pela independência política dos explorados frente ao nacionalismo burguês, o método de construção do partido e a relação do POR com a IV Internacional.

Sob a direção de Guillermo Lora, o POR se esmerou em expor a história do trotskismo na Bolívia, uma vez que a construção do partido se funde com a constituição do programa. O partido é o programa, sua história é a demonstração crítica e autocrítica da elaboração do programa da revolução proletária nas entranhas do capitalismo e da luta de classes. O leitor encontrará nas Obras Completas de Guillermo Lora a mais ampla exposição do longo e penoso percurso do POR boliviano.

Não se pode ter uma visão crítica de conjunto do trotskismo na Bolívia sem que se tenha o cuidado de estudar os textos fundamentais das Obras Completas. As disputas entre as correntes que se reivindicam do trotskismo comumente repetem velhas acusações da corrente revisionista pablo-mandelista de o POR não ter lutado pela tomada do poder na revolução de 1952. O surrado falatório se esfumaça completamente diante da rica documentação da história do partido. Documentação desconsiderada conscientemente pelas mais variadas gamas de revisionistas e pseudos trotskistas.

Guillermo Lora insistia conosco do Brasil e da Argentina que na Bolívia não havia senão o POR trotskista. E não porque não houvesse tentativa

dos revisionistas e aventureiros de implantar suas organizações no país, mas sim pelo fato de não terem como constituir um programa revolucionário à margem da experiência do POR, da árdua e sangrenta luta pela conquista do proletariado mineiro e pela formação do programa nacional, inteiramente baseado na aplicação do Programa de Transição e de seu precursor que foram os Quatro Primeiros Congressos da III Internacional.

É oportuno observar que uma das críticas do morenismo e de suas versões se concentrou na consideração de que o POR maneja abstratamente a estratégia da ditadura do proletariado. Não por acaso, é comum ao revisionismo omitir na luta diária a estratégia da revolução e ditadura proletárias. De vez em quando, fazem comentários acadêmicos em suas publicações, como se estivessem expondo a doutrina marxista sobre a qual deitam suas políticas. Ao contrário, a fortaleza do POR está em que traduz em cada combate a estratégia da revolução e ditadura proletárias, como pode ser encontrada nos mais variados momentos da história do POR e ser constatada na sua abundante elaboração teórica, aplicada à revolução boliviana e internacional.

Os acontecimentos mais recentes testemunham a fortaleza das posições do POR. O partido não se assombrou com o fenômeno do MAS e com toda crise interburguesa que se prosseguiu com a ascensão do caudilho Evo Morales ao poder. Teve a absoluta clareza de caracterizar o governo massista de burguês, tipo bonapartista, escondido atrás da caricatura de reformista e nacionalista.

Não é de estranhar que nenhuma das correntes do trotskismo coincidiu com o POR na caracterização do governo embusteiro e na luta pela independência dos explorados. Foram arrastadas pelo fenômeno do caudilhismo de fachada reformista-nacionalista e do conflito com a direita. Chegou-se a pregar voto em Evo Morales, em nome de derrotar a direita. Os mais dispa-

ratados absurdos foram cometidos, como o de desfraldar a bandeira de poder à COB que está completamente estatizada, a constituir uma frente eleitoral de esquerda sob auspício da burocracia cobista, constituinte etc. Um desastre em nome do trotskismo e da IV Internacional.

A farsa do governo pró-socialismo do século XXI se desfaz dia a dia e as massas camponesas já não confiam que suas reivindicações serão resolvidas. Os “trotskistas” que inventaram uma crítica ao suposto “abstencionismo” do POR e os que exigiam participação eleitoral com uma frente de esquerda encabeçada pela burocracia da COB não têm a fazer senão esconder sua política de adaptação ao nacional-caudilhismo.

Os 75 anos do POR, lembrados e comemorados, estão sintetizados no partido em luta opositora ao desvio contra-revolucionário operado pelo MAS, seus aliados e seus apoiadores. O capitalismo entrou numa nova etapa de desintegração e de luta de classes. Certamente, a luta de classes na Bolívia se agravará e confluirá com os levantes que ocorrem na Europa. A América Latina está adormecida pela ofensiva do grande capital em situação anteriormente auspiciosa do mercado mundial. A crise que eclodiu em meados de 2008 está em andamento e arrastará a burguesia latino-americana a atacar a fundo a vida dos explorados. A situação já está mudando. A Bolívia tem estado à frente das lutas, embora ainda persista no poder um governo que as canalizam. Não se pode prever senão a retomada dos combates de classe nos demais países latino-americanos.

A tarefa de reconstruir a IV Internacional ganha urgência. As condições melhoram para a vanguarda avançar nessa tarefa. A rica e imprescindível experiência do trotskismo na Bolívia deve ser reconhecida e assimilada pela vanguarda mundial, se se quer seriamente resolver a crise de direção.

Viva os 75 anos do POR! Viva a revolução proletária!

Breve história do POR boliviano

Guillermo Lora

Ao nascer, o POR esteve ligado à história político-social da pré-guerra do Chaco (1932-1935)¹ e procurou vincular-se ao marxismo internacional, ou seja, à IV Internacional.

Aquela guerra foi o grande teste para a classe dominante e seus governos. O escasso desenvolvimento econômico, o peso do pré-capitalismo – o trabalho servil – e a subordinação da feudal-burguesia ao imperialismo determinaram a derrota do país considerado uma potência perante o diminuto Paraguai. Os que foram arrastados até as trincheiras se levantaram contra uma classe dominante que havia fracassado estrepitosamente. A guerra provocou a rebelião social.

Foi também o grande teste para a esquerda que começou a se manifestar confusamente desde o início do século XX.

As ideias socialistas – principalmente o marxismo – chegaram importadas do exterior. A particularidade boliviana foi a ausência no seio do proletariado de ideias socialdemocratas, ou seja, reformistas. As ideias anarquistas conquistaram os artesãos.

Posteriormente, circularam no país, particularmente nos meios juvenis da universidade, as publicações do Secretariado Latino-americano da Internacional Comunista estalinista. Não se pode esquecer que alguns pequenos grupos “marxistas” se negaram a integrar o organismo criado pela Internacional Comunista. Mais tarde, estes apareceram no PIR – Partido da Esquerda Revolucionária.

Depois da guerra do Chaco, esta fraca influência ideológica estrangeira terá um grande papel na conformação do pensamento marxista boliviano. **O marxismo é uma corrente ideológica mundial, mas não deixa de expressar as marcas dos países em que se desenvolve.**

A esquerda – parte dela influenciada pelo estalinismo e a outra pelo anarquismo – ocupou as ruas para se opor à guerra, mas foi derrotada pelo chauvinismo desfechado do alto do poder político.

Há que reconhecer que a Internacional Comunista divulgou abundante propaganda denunciando o perigo da guerra entre Bolívia e Paraguai desde 1928.

À perseguição e desterro da nata da esquerda boliviana, devemos a descoberta da luta da Oposição de Esquerda – o trotskismo – contra a burocracia estalinista antimarxista e pró-imperialista.

Um militante, hoje muito reconhecido, **José Aguirre Gainsborg** (1909-1938) – cujo pseudônimo era Fernandez –, foi desterrado a Chile por haver-se incorporado às mobilizações populares contra a guerra.

Tendo chegado ao país do seu exílio, foi imediatamente incorporado ao Partido Comunista Chileno, o que comprova sua vinculação com o PC organizado na Bolívia pelos agentes da Internacional Comunista. Mas foi rapidamente expulso do PC chileno sob acusação de manifestar desvios trotskistas.

No Chile, trabalhou imediatamente com o núcleo trotskista e com a Oposição de Esquerda Internacional, conseguindo dessa forma colocar em pé a esquerda boliviana, eixo fundamental para a organização do Partido Operário Revolucionário.

Aguirre defendeu a urgência e necessidade histórica de organizar o partido político bolchevique boliviano por considerar que a finalização do conflito bélico com o Paraguai coincidiria com a agudização da luta de classes, com a convulsão social. Os fatos lhe deram a razão.

Tristan Marof e alguns dos seus seguidores organizaram na Argentina o

grupo Tupac Amaru que divulgou suas ideias através de “América” e “Claridad”. Esse agrupamento concordava em organizar o Partido Operário Revolucionário ainda que não se identificasse completa e publicamente com a Oposição de Esquerda que em 1938 se transformaria na Quarta Internacional.

Nos debates públicos, não se assinalou com precisão o significado da internacional trotskista na luta contra o estalinismo e pela revolução e ditadura proletária na Bolívia, país capitalista atrasado de economia combinada.

Entre os participantes do Congresso de Córdoba, que se supunha deveriam ser exclusivamente trotskistas, estava o paraguaio Oscar Creydt, dirigente do Partido Comunista Paraguaio. Isso se deveu ao vínculo deste personagem com os marofistas da Argentina. **Evidenciou-se, assim, que o Partido Operário Revolucionário nasceu levando em suas entranhas um espinho: o não esclarecimento pelos marofistas de suas relações com o estalinismo e, portanto, do caráter da revolução social na Bolívia.**

O fato positivo foi que o **Partido Operário Revolucionário nasceu com um esquema programático elaborado por Aguirre Gainsborg**, posteriormente aprofundado e melhorado inúmeras vezes. A força e o imponente desenvolvimento do trotskismo boliviano deveu-se a este fato principista, além das particularidades do movimento operário boliviano.

Há que assinalar, entretanto, o enorme erro de permitir que o marofismo reformista e antioperário participasse do congresso de fundação do POR.

Cisão com o marofismo. Conferência de 1938

Devido ao fato do Partido Operário Revolucionário nascer no exílio, passou pelas dificuldades da sua adaptação a um país que se distinguiu pela sua incipiência ideológica. Isto se traduziu na explosão de diferenças e contradições entre o caudilho Marof – oriundo do liberalismo saavedrista – e o trotskista José Aguirre, disposto a estruturar um partido bolchevique.

A propaganda revolucionária inicial dos poristas chocou-se com inumeráveis obstáculos para penetrar no seio das massas. O Partido Operário Revolucionário não tinha um jornal próprio e José Aguirre Gainsborg publicou uma série de artigos políticos nas páginas de um jornal tradicional da burguesia “El Diario”, de La Paz, completamente estranho ao movimento revolucionário.

Desesperado para abrir espaços no cenário político-social, Aguirre ingressou ao grupo “Beta Gama”, expressão típica dos intelectuais pequeno-burgueses esquerdizantes. A experiência resultou negativa. Aguirre, enquanto tal, usava publicamente o jornal do grupo “Beta Gama”, mas, como Fernandez (seu pseudônimo), continuava atuando no Partido Operário Revolucionário, divulgando entre alguns operários teses e outros documentos copiados em máquinas de escrever.

Quando se reuniu a conferência do POR de 1938, Tristan Marof colocou abertamente que a sua perspectiva era tornar-se caudilho incontestado da esquerda boliviana – consideravelmente inchada à consequência da agitação que se seguiu à guerra do Chaco – e chegar ao poder político, à Presidência da República, pelo caminho das eleições.

José Aguirre não se cansava de propagandear obsessivamente sua ideia de estruturar no país um **Partido Bolchevique**, tanto no aspecto ideológico quanto organizativo, baseado do ponto de vista social, particularmente no setor mineiro do proletariado.

Aguirre confundiu o artesão com o proletariado, particularmente com

1 De 1932 a 1935 Bolívia e Paraguai se enfrentaram numa guerra nos desertos do Chaco (região ocidental do Paraguai).

o mineiro, o que se traduziu em frustrações e erros consideráveis.

Pagou-se um preço muito alto por não precipitar e superar, na etapa preparatória do Congresso de fundação do POR, o debate até as últimas consequências entre o marofismo e o trotskismo (Aguirre). **Novamente as diferenças ideológico-programáticas surgiram e se desenvolveram sob a capa de divergências organizativas.**

Para Tristan Marof, o ponto central, de vida ou morte, era colocar em pé um partido de massas poderoso. Aguirre respondia que o Partido Operário Revolucionário devia ser teórica e organizativamente um partido bolchevique rigoroso.

Aguirre apresentou uma tese política e também se discutiram outros documentos de caráter programático. Os resultados da Conferência de 1938 foram a cisão com os marofistas e o famoso e quase completamente desaparecido “Boletim Informativo” número 1.

O desenvolvimento posterior dos acontecimentos evidenciou o verdadeiro significado do que aconteceu na Conferência do Partido Operário Revolucionário de 1938.

Toda cisão para preservar a essência programática marxista-leninista-trotskista do Partido Operário Revolucionário é proveitosa – mesmo que enfraqueça numericamente o partido no momento –, pois assim se afirma a base ideológica que permitirá seu desenvolvimento vigoroso posterior. O atual Partido Operário Revolucionário surgiu daquela cisão, que resultou necessária e imprescindível.

O marofismo evoluiu livremente como organização trotskista envergonhada. Encaminhou-se para a colaboração com a oligarquia e concluiu desaparecendo fisicamente. Para Marof, o caudilho político de maior volume e feitos na Bolívia foi Bautista Saavedra, provavelmente, por isso, concluiu seus dias cooperando com os caudilhos anões da reação.

A penetração no seio das massas

Durante o primeiro período de sua vida, em que a direção do partido se entrincheirou na cidade de Cochabamba, o Partido Operário Revolucionário não passava de um pequeno círculo de amigos: semi-intelectuais que se dedicavam a divagar interminavelmente sobre qualquer problema e acontecimentos do país. Não haviam aprendido, ainda, que o programa do Partido não era mais do que um prognóstico feito com o método do materialismo histórico acerca do desenvolvimento do país. Como todo prognóstico, devia ainda passar pela prova dos acontecimentos político-sociais.

Para que isto ocorresse, era necessário que aquele grupo de ociosos, pretensamente “intelectuais”, abandonasse seu esconderijo, fosse às ruas e utilizasse todas suas energias para aproximar-se das massas. **Era necessário prosseguir e superar a herança de José Aguirre.**

Quando isto ocorreu (a organização de grupos em La Paz, Oruro e em centros mineiros), pôde finalmente se comprovar que não se haviam assimilado as formulações programáticas, que não havia células e nem se sabia o que eram. À quase inexistente organização, correspondia uma baixa assimilação programática.

Os poristas, que saíram às ruas começaram agrupar simpatizantes e a fixarem cartazes combativos nas paredes, se chocaram com a repressão policial e o cárcere. O trabalho junto às massas exigiu o lançamento das primeiras publicações. Devido à precariedade, recorreu-se a cobrir as paredes com grafites e pichações atrevidas.

Essa atividade titubeante - cheia de novidade - e algumas conquistas colocaram a urgência de penetrar nos centros operários, concentrações vitais das massas. Ficou evidente nesse momento que o marxismo deve ser assimilado pelos explorados dando respostas aos seus problemas. A

politização da militância avançou a passos largos e constatou-se que suas “descobertas” estavam já formuladas nos escritos dos clássicos do marxismo. Neste caldeirão, se forjaram valiosos dirigentes poristas, muitos dos quais pagaram com suas vidas no caminho.

A vanguarda porista, configurada em torno do eixo La Paz-Oruro, capacitou-se política e organizativamente vencendo a repressão policial e superando as exigências dos explorados, foi penetrando no seio das massas, principalmente no setor mineiro.

Em certo momento, inesperadamente, o choque entre o crescimento do jovem POR e a realidade esquecida de sua velha direção estourou como uma bomba. **Todo o país se surpreendeu ao encontrar-se diante de um novo e atrevido farol político que mostrava o caminho da revolução social, da revolução proletária.**

O trabalho de 24 ou 30 meses transformou-se para o POR numa pródiga colheita, principalmente em algumas minas e universidades. O trotskismo boliviano deu um enorme salto ideológico. Segundo a imprensa burguesa, tratava-se de um transplante estrangeiro.

Os atritos programáticos internos não permitiram ver o descomunal salto político que estava acontecendo. Por isso, a nova corrente revolucionária ia fortalecida dos sindicatos para o partido.

O POR, que se reivindicava orgulhosamente da IV Internacional, se fortaleceu e descobriu novos caminhos ao atuar como força básica de transformação das massas de instintivas em conscientes. Era a resposta a uma necessidade histórica. Os jovens ativistas haviam se colocado sem querer diante da comprovação objetiva das conclusões dialéticas de Plejanov, Lênin, etc.

O trabalho de formiga dos trotskistas se traduziu na atitude de rebelião da vanguarda mineira contra o presunçoso ensaio “libertador” do governo Villarroel-Paz Estensoro. Foi um salto no processo de conquistar a independência de classe dos assalariados perante a classe dominante e o governo antioperário. Este governo era socialmente enraizado na pequena-burguesia, mas acalentava projetos confusos de conteúdo burguês.

Estamos nos referindo às já famosas **Teses de Pulacayo** (nasceu em 1946), um dos documentos de maior transcendência na história social boliviana, obra dos jovens poristas – mesmo que inspirada no “Programa de Transição” de León Trotsky –, que contém respostas políticas à realidade boliviana e aos problemas-chaves dos operários e camponeses.

O resultado foi o avanço imponente no processo de formação da consciência de classe do proletariado boliviano, facilitada pela sua juventude e virgindade ideológica.

O que ocorre agora diante de nós (as massas radicalizadas imediatamente giram em torno às formulações do POR) demonstra que o sulco aberto pela atividade política dos trotskistas foi suficientemente profundo a ponto de não desaparecer ao longo do processo histórico. **As massas que combatem nas ruas e nas estradas não demoram em levantar bem alto as “Teses de Pulacayo”,** não apenas no que se refere às suas reivindicações fundamentais, mas também aos métodos de luta; e entre estes a prioridade da ação direta de massas, por exemplo, diante do parlamentarismo, a arbitragem obrigatória, etc.

Um aspecto negativo: houve considerável atraso no processo dialético de autotransformação do Partido Operário Revolucionário, quando agiu como ator principal na prática transformadora da realidade social. Agora sabemos que o obstáculo que não pode ser vencido facilmente foi a velha direção do partido. **Esta é a explicação de porquê o Partido Operário Revolucionário não chegou a atuar como a direção política decisiva nos movimentos de 1952, embora as massas se mobilizassem tendo como**

eixo fundamental a Tese de Pulacayo. O demorado processo de auto-transformação do POR colaborou com o lento esclarecimento, na consciência dos trabalhadores, de qual é o seu verdadeiro partido, sua direção revolucionária, processo que já dura mais de quatro décadas.

O caminho ao poder

Na teoria e na prática, o Partido Operário Revolucionário amadureceu no trabalho que tem como referência a inter-relação entre a finalidade estratégica e a tática. Esta última determinada por aquela. Há que acrescentar que a estratégia programática porista foi provada pelo desenvolvimento dos acontecimentos, pois, é a resposta a uma necessidade histórica e sintetiza as leis do desenvolvimento da sociedade boliviana.

As respostas que se dão aos problemas imediatos dos oprimidos e explorados devem orientar-se a impulsioná-los para a conquista do poder, ajudá-los a avançar em sua politização e na evolução de sua consciência de classe, processo que encontra sua mais alta expressão no fortalecimento do Partido.

As massas, em seu empenho de tomar em suas mãos o aparato estatal, têm de derrotar ideologicamente a classe dominante e o seu governo, organizar-se nas bases como órgãos de poder, impulsionados pela necessidade de superar os obstáculos postos pela classe dominante em seu caminho para a emancipação social.

A contribuição do Partido Operário Revolucionário em ambos os terrenos é de enorme importância e a busca da vitória nessa luta tem de contar necessariamente com ele.

Devido à participação trotskista, a experiência na luta de classes transformou-se em aporte teórico ao marxismo. A política revolucionária é, em definitivo, teoria.

Historicamente, o Partido Operário Revolucionário importou do exterior as ideias marxistas, mas, agora exporta teoria quase que diariamente. A experiência boliviana é analisada e discutida principalmente no plano internacional.

Uma das grandes contribuições poristas no plano da tática revolucionária foi a correta formulação da frente anti-imperialista como o método de luta correto para os países capitalistas atrasados, da mesma forma que a frente proletária é para as metrópoles imperialistas. **As maiores organizações revolucionárias de massas, como a Central Operária Boliviana e a Assembleia Popular, foram em seu momento frentes anti-imperialistas e órgãos de poder.**

Os poristas lutaram por muito tempo para substituir a CSTB artesanal, braço sindical do estalinismo contrarrevolucionário, por uma organização sindical que expressasse ideológica e organizativamente o proletariado. Isso foi a Central Operária Nacional que surgiu durante o sexênio 1946-1952.

Trabalhou-se para que a COB fosse organizativamente a expressão da classe operária, mas nasceu – refletindo todo o processo revolucionário e as particularidades do país – como uma organização soviética, como órgão de poder. Permaneceu assim até que o MNR no poder derrotou as tendências radicais do sindicalismo e as corrompeu completamente.

Corretamente se combateu a impostura de co-governo do MNR, que certamente não significava a coexistência no poder do movimento operário com o partido nacionalista de conteúdo burguês, mas a colaboração da esquerda do MNR – que apenas isso foi o lechinismo – com o centro pazestensorista. O percurso do co-governo desaguou na derrota e na burocratização da Central Operária Boliviana, antecipação de sua estatização.

A radicalização das massas, que tende a expressar-se politicamente como luta contra a classe dominante e seu governo de turno, prepara o

caminho para soldar-se com o Partido Operário Revolucionário e reconhecê-lo como sua direção política. Isto ocorreu na primeira época da Central Operária Boliviana e durante a existência da Assembleia Popular.

O chamado Comando Político do Povo e a Central Operária Boliviana foi uma frente entre a organização sindical mais poderosa e as agrupações políticas que estavam combatendo nas ruas contra a direita gorila das forças armadas. Era uma frente amorfa, sem uma clara orientação política e se esgotou na medida em que as massas trabalhadoras invadiram as cidades e os mineiros ocuparam La Paz, sede do governo.

A radicalização dos explorados acabou potenciando o trotskismo, o Partido Operário Revolucionário, dentro do Comando Político. Foi o POR quem formulou as ideias e os documentos fundamentais de sua transformação num órgão de poder das massas, dando-lhe o nome de **Assembleia Popular**. Não se pode esquecer que a Assembleia ao nascer proclamou bem alto que era uma frente antiimperialista.

A vida da Assembleia Popular foi muito curta e teve tempo apenas para desenhar traços fundamentais de sua linha política e antecipações de suas verdadeiras possibilidades. A pesar disso, ingressou na história como o caminho que conduziu à conquista do poder político pelos explorados e oprimidos. Não foi por acaso que sua existência obrigou à direita e aos fascistas do exército a formar um bloco para esmagá-la com ajuda das armas de fogo. O golpe de estado de 1971, dirigidos pelos gorilas Banzer e Selich, sustentados diretamente pelo MNR e a FSB, esteve dirigido contra a Assembleia Popular mais do que contra o fraco governo encabeçado pelo general “populacheiro” Juan José Torres. Posteriormente, veio à tona que o golpe gorila mencionado fazia parte da **Operação Condor**.

No exílio e dentro do país, a linha política da Assembleia Popular foi desenvolvida e aprofundada pela Frente Revolucionária Anti-imperialista (FRA). A direção política, dentro desta, era do Partido Operário Revolucionário.

A história da FRA esgotou a discussão em torno do verdadeiro conteúdo da frente anti-imperialista, formulada no Quarto Congresso da Internacional Comunista. De forma excepcional, a Frente Anti-imperialista boliviana juntou todo o espectro da esquerda sob a direção política do proletariado. Chamou imediatamente a atenção dos setores avançados do país e também da esquerda internacional.

A Frente Revolucionária Antiimperialista começou a organizar-se dentro do país e ganhou as direções sindicais em vários setores. Entretanto, não avançou mais porque os grupos filo-foquistas sabotaram abertamente seu desenvolvimento. Contudo, deixou uma grande lição que pode potencializar futuras ações frentistas. Fica claro que a tática adequada para o país é a frente anti-imperialista e não a frente única proletária, defendida no passado. Equivocadamente, os morenistas argentinos e seus seguidores crioulos confundiram a Frente Revolucionária Anti-imperialista nada menos que com a frente popular estalinista. O que interessa não é listar que organizações participaram da Frente Revolucionária Antiimperialista, senão que todas elas o fizeram, submetendo-se à política e direção proletárias, quer dizer, do POR.

Não há que esquecer que a Central Operária Boliviana e outras organizações de massas estiveram dentro da Assembleia Popular e da Frente Revolucionária Anti-imperialista. Nesta última também ingressaram os foquistas do ELN e os seguidores do castrismo.

A pesar de suas limitações, a Assembleia Popular serviu como demonstração do caminho que há que seguir para alcançar a conquista do poder político. Em 1971, a vida da Assembleia Popular foi interrompida pelo golpe de estado gorila-cavernário, mas sua experiência permite fortalecer a luta revolucionária de hoje e de amanhã.

As cisões

Não há menor dúvida de que também os partidos políticos marxista-leninista-trotskistas existem e evoluem sob a pressão poderosa da luta de classes.

Quando ocorrem disputas fracionais em torno de diferenças programáticas, principistas, a melhor alternativa para defender a coluna vertebral partidária – ou seja, seus princípios ideológicos fundamentais –, é a cisão e a marginalização dos revisionistas. Não estamos nos referindo aqui à expulsão eventual de um ou outro militante por violação dos estatutos ou por indisciplina.

No marco da análise que estamos desenvolvendo o Partido Operário Revolucionário passou por outras duas cisões em torno da violação dos princípios programáticos.

A exclusão dos pablistas do Secretariado Unificado que estavam seguros de que a classe operária boliviana já estava no governo e sua expressão política seria – segundo eles – nada menos que o lechismo.

A última foi o afastamento da corrente foquista em matéria organizativa e politicamente nacionalista (sempre defendeu a cooperação com setores do MNR burgueses e inventou a história do “mal menor” para justificar suas piruetas).

A lição

Os revisionistas ou violadores do programa partidário não podem permanecer dentro do partido trotskista, ou seja, do Partido Operário Revolucionário.

Os grupos, alguns numericamente importantes que foram marginalizados, invariavelmente expulsos, se deslocaram para posições direitistas, eleitoreiras, nacionalistas em fim, francamente burguesas, a ponto de desaparecerem organizativamente.

Contrariamente, o Partido Operário Revolucionário, que se projeta cada vez mais no plano internacional, foi se fortalecendo mais e mais depois de cada uma destas cisões provocadas pelos revisionistas de todas as formas e cores.

Há que acrescentar que à margem do problema anterior ocorreram numerosas expulsões de pessoas e grupos por **delitos de delação de militantes e do partido, de suas atividades políticas e organizativas e também por roubos de dinheiro da organização**.

Estes delinquentes foram expulsos do Partido Operário Revolucionário pública e ignominiosamente, sem direito a recurso.

A luta pela construção da Quarta Internacional

O marxismo ensina que a revolução e ditadura proletárias, o comunismo, se consolidará em escala mundial, começando dentro das fronteiras nacionais e projetando-se para o cenário internacional.

O proletariado (a classe operária), que surge com o capitalismo, existe e atua por cima das fronteiras nacionais. Isto explica nossa luta para pôr em pé e fortalecer o partido mundial da classe operária, instrumento indispensável para consolidar a revolução proletária que é internacional. Isto lhe permite caminhar para o comunismo, que liquidará tanto as fronteiras nacionais como os governos assentados na violência e na opressão.

O partido político do proletariado que é a expressão consciente, política, do instinto comunista da classe operária, nasce dentro das fronteiras nacionais e, inevitavelmente, se projeta no cenário internacional. Isto explica as razões pelas quais o Partido Operário Revolucionário, expressão da consciência de classe do proletariado boliviano, está empenhado na existência e fortalecimento da **Quarta Internacional**, expressão da consciência

política do assalariado e **instrumento da revolução comunista mundial**.

Há que destacar que a **Quarta Internacional**, fundada em setembro de 1938, a partir do **Programa de Transição**, redigido por Leon Trotsky, é a encarnação da política marxista-leninista-trotskista. Nasceu para superar os erros e traições das três internacionais anteriores e potenciar tudo que tiveram de positivo as passadas experiências.

O Partido Operário Revolucionário chega ao cenário levantando a bandeira do trotskismo, da Oposição de Esquerda, que desde 1923 começou a lutar na Rússia contra os desvios pró-burgueses do estalinismo.

Quando nasceu a Quarta Internacional, já conhecia a existência em nosso país do Partido Operário Revolucionário, pelas cartas enviadas na sua fundação a Trotsky e à Oposição de Esquerda.

O Partido Operário Revolucionário, desde aquela época, nunca deixou de combater o estalinismo e a socialdemocracia.

Quando ocorreu a cisão dirigida pelo Partido Socialista Operário (SWP) dos Estados Unidos do Norte America, o POR boliviano permaneceu do lado dos marxistas que contavam com o apoio de Trotsky.

Na luta internacional para pôr em pé uma organização ajustada à linha trotskista, marxista-leninista, o Partido Operário Revolucionário em alguns momentos perdeu a bússola diante da infinidade de oscilações das organizações que se reclamavam do trotskismo e que invariavelmente fracassaram. Um exemplo disto foi o fracasso do Comitê de Organização para Reconstrução da Quarta Internacional (CORQUI), fundada em 1972. O Partido Operário Revolucionário participou por pouco tempo dessa organização com a qual rompeu publicamente em consequência de sua degeneração organizativa e defendendo a atividade de grupos trotskistas da Argentina e Chile.

Em fevereiro de 1979, rompeu com o Comitê de Organização para Reconstrução da Quarta Internacional e nesse mesmo ano contribuiu à organização da efêmera Tendência Quarta Internacionalista (TQI), junto com Política Obrera da Argentina, grupos trotskistas do Chile, Brasil e Venezuela.

Atualmente o Partido Operário Revolucionário integra a pequena organização trotskista denominada **Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional**, que divulga um boletim através do jornal MASSAS do Brasil.

Conclusão

O Partido Operário Revolucionário sabe que seu isolamento internacional se traduz no enfraquecimento organizativo e inclusive teórico.

Impressiona a quantidade de publicação teórica e política, lançada até hoje pelo Partido Operário Revolucionário, apesar do baixo nível cultural da Bolívia. Esse material continua sendo utilizado no País e no exterior.

Esse fenômeno – surpreendente para muitos – é o resultado do espaço conquistado nas bibliotecas públicas e também em universidades importantes pela atividade e publicações partidárias, contendo nossas conquistas teórico-doutrinárias.

Entretanto, a pesar disto, o Partido Operário Revolucionário está obrigado a continuar aprofundando (inclusive no campo doutrinário) criando teoria, a fim de potenciar o nível teórico-político da militância.

O Partido Operário Revolucionário sabe que o isolamento internacional tende a traduzir-se no enfraquecimento organizativo e teórico.

Estamos obrigados a fortalecer o partido revolucionário em todos os aspectos, particularmente no organizativo e teórico.

A experiência vivida nos ensina que estes objetivos se concretizarão se conseguirmos o fortalecimento da Quarta Internacional, consequentemente de suas seções nacionais.

Julho de 1997

72 anos de fundação da IV Internacional e 70 anos do assassinato de Trotsky

Dedicamos também este Boletim Internacional do Comitê de Enlace a duas datas valiosas ao movimento revolucionário internacional: em 3 de outubro de 1938, a IV Internacional foi fundada e em 20 de agosto de 1940 Trotsky foi assassinado por um agente da ditadura burocrática de Stálin. Reproduzimos dois textos do Jornal Massas do POR brasileiro. São eles: “Viva a IV Internacional – Em defesa do Programa de Transição” e “70 anos do assassinato de Leon Trotsky – Viva a IV Internacional”.

Viva a IV Internacional! Em defesa do Programa de Transição

Em 3 de setembro de 1938, nasceu a IV Internacional. A III foi degenerada pela política do “do socialismo em um só país”, ditada por Josef Stalin. Ao mesmo tempo, liquidou a vanguarda bolchevique na Rússia, utilizando-se dos Processos de Moscou. A Segunda Guerra Mundial se aproximava e a Internacional estalinizada não podia mais ser a direção mundial do proletariado. Em 1936, Trotsky esperava que a Conferência Internacional da Oposição proclamasse a IV Internacional, mas não se efetivou. Havia de continuar a luta contra os que se opunham a estruturar a nova Internacional. A Trotsky, era urgente a sua criação para que a classe operária tivesse uma direção revolucionária. Do México, onde se exilou em janeiro de 1937. De longe, Trotsky lutou para pôr em pé o Partido Mundial. O assassinato do alemão Rudolf Klement, que realizava as tarefas na direção trotskista de preparação do congresso de fundação da IV Internacional, por obra de Stalin, em julho de 1938, foi mais um ato contra a sua constituição.

Em 3 de setembro, realizou-se o congresso de fundação, contando com 21 delegados de 11 países e convidados. Etienne representou a seção russa. O congresso teve como presidência de honra a memória dos lutadores: León Sedov, Klement e Erwin Wolf, assassinados pela polícia política de Stalin. O Comitê Executivo contou com Trotsky, embora estivesse impedido de participar do congresso em Paris. Os traba-

lhos foram dirigidos por Max Shachtman. Entre os documentos aprovados estava o Programa de Transição, redigido por Trotsky.

A constituição da IV Internacional chamou a atenção da vanguarda proletária mundial. O Programa de Transição marcou a retomada das teses leninistas dos Primeiros Quatro Congressos da III Internacional. Ao mesmo tempo, tratava-se de um documento que fazia um balanço crítico da experiência revolucionária mundial e incorporava as lições do movimento socialista internacional. Rejeitava a idéia da divisão entre o programa mínimo e programa máximo pelos reformistas e centristas e adotava o método que combina as reivindicações do conjunto do proletariado com a estratégia de destruição do sistema capitalista de produção.

Trotsky tinha clareza das dificuldades de solidificar a IV Internacional, como direção efetiva das massas em função do retrocesso político organizativo sofrido pelo proletariado mundial com a burocratização dos partidos comunistas e a pouca penetração das seções que se integravam à nova Internacional. Mas a fortaleza estava no próprio Programa de Transição: “É preciso ajudar as massas, no processo da luta cotidiana a encontrar o ponto entre as reivindicações atuais e o programa da revolução socialista. Esse ponto deve constituir em um sistema de reivindicações transitórias, partindo das condições atuais e da consciência das amplas camadas da classe

operária e conduzindo a uma só única conclusão: a conquista do poder pelo proletariado”. Portanto, o programa da IV se diferenciava radicalmente da dos reformistas e proclamava a estratégia da revolução proletária. Quando assinalava a forma de governo operário e camponês, estava materializando a ditadura do proletariado.

O congresso de fundação também aprovou um Manifesto “Aos trabalhadores do mundo inteiro”. Trotsky saudou o congresso: “A partir de agora, a IV Internacional enfrenta as tarefas do movimento de massas (...)”. A eclosão da 2ª Guerra Mundial, 1939, logo no nascedouro da IV Internacional, não permitiu que se tornasse a direção das massas contra os reformistas e os estalinistas. Em 20 de agosto de 1940, Stalin assassinou o dirigente fundamental da IV Internacional, León Trotsky. Em seguida, 1943, Stalin decretou a dissolução da III Internacional.

Após a morte de Trotsky, a IV Internacional não pôde dar o passo decisivo para sua solidificação. As crises internas e a pouca inserção no proletariado mundial contribuíram para o seu desmoronamento. Mas permaneceu o pilar que ergueu a IV Internacional, o Programa de Transição.

O Partido Operário Revolucionário no Brasil trabalha, junto com o Comitê de Enlace, para reerguer o Partido Mundial da Revolução, a IV Internacional. Sem ele, a classe operária estará condenada à barbárie capitalista.

Extratos do artigo: “Stalin quer minha morte”, de 8 de junho de 1940

“A explicação é a seguinte: “em 1928, quando fui expulso do partido e exilado na Ásia central, todavia era impossível falar, não dizemos de fuzilamentos, nem sequer de prisão provisória. Toda a geração com que vivi na Revolução de Outubro e na guerra civil ainda estava com vida. O Burô Político se sentia rodeado por todos os lados.

Na Ásia central pude manter-me em contato direto com a Oposição. Nessas condições, Stálin, depois de vacilar durante um ano, decidiu apelar para o exílio no estrangeiro, considerando-o um mal menor. Pensava que Trotsky, isolado da URSS, privado de aparato e recursos materiais, se veria reduzido à impotência. Além disso, Stálin supunha que, depois de ter-me difamado diante de todo o país, o governo amigo da Turquia me faria voltar à Moscou e ali ajustaria finalmente as contas comigo. Os acontecimentos demonstraram, entretanto, que se pode participar da vida política sem contar com aparato e sem os recursos materiais. Com a ajuda de jovens amigos, assentei as bases da Quarta Internacional, que está se forjando lenta mas persistentemente. Os julgamentos de Moscou de 1936-1937 se montaram para obter minha deportação para a Noruega, isto é para ter-me realmente nas mãos da GPU. Mas não conseguiram. Cheguei ao México. Informaram-me que Stálin admitiu várias vezes que meu exílio ao estrangeiro foi “um grande erro”. Não há outra maneira de retificar o erro senão apelar a um ato terrorista.

Nesses últimos anos, a GPU destruiu muitas centenas de meus amigos, incluindo membros de minha família que estavam na URSS. Na

Espanha, mataram meu ex-secretário Erwin Wolff e muitos de meus coregionários políticos; em Paris, mataram meu filho León Sedov, aquele que os assassinos profissionais de Stálin perseguiram durante dois anos (1). Em Lausana, a GPU matou Ignacio Reis, que o havia abandonado e tinha se unido à Quarta Internacional. Em Paris, os agentes de Stálin assassinaram um outro ex-secretário, Rudolf Klement, cujo corpo foi encontrado no Sena, com a cabeça, as mãos e as pernas cortadas. Essa lista poderia continuar interminavelmente”. (páginas 320-321)

(...)

“Depois de sua participação ativa e verdadeiramente assassina da GPU nos acontecimentos espanhóis, recebi muitas cartas de meus amigos, principalmente de Nova York e Paris, informando-me que estavam enviando agentes da GPU ao México, França e Estados Unidos. No momento oportuno, transmiti à polícia mexicana os nomes e as fotografias de alguns desses cavalheiros. O estouro da guerra agravou, todavia, mais a situação por causa de minha luta irreconciliável contra a política exterior e interna do Kremlin. Minhas declarações e artigos sobre o desmembramento da Polônia, encabeçado por Stálin etc, reproduziram-se em todos os países do mundo, em milhares de exemplares. Aumenta o descontentamento dentro da URSS. Sua condição de ex-revolucionário faz recordar a Stálin que a Terceira Internacional era incomparavelmente mais débil no início da guerra anterior do que o é hoje a Quarta Internacional. O desenvolvimento da guerra pode dar um poderoso impulso à Quarta Interna-

cional, inclusive dentro da própria URSS. Por isso, Stálin não poderia deixar de ordenar seus agentes que terminassem comigo o mais rápido possível”. (página 322)

(...)

“O movimento ao qual pertencemos é um movimento jovem, que desde que surgiu sofre uma perseguição sem precedentes da parte da oligarquia de Moscou e seus agentes em todos os países do mundo. Falando em geral, é difícil encontrar em toda a história um movimento que tenha padecido tantas vítimas em um breve tempo como a Quarta Internacional. Tenho a profunda convicção pessoal de que em nossa época de guerras, conquistas, saque, destruição e toda espécie de bestialidades, a Quarta Internacional está destinada a jogar um grande papel histórico. Mas aqui já entramos no terreno do futuro. No passado, só se tem golpes e perseguições. Nos últimos doze anos, nada se poderia fazer acerca da Quarta Internacional com a esperança de fazer alguma coisa. Por essa razão, as pessoas que se uniram à Quarta Internacional são generosas, estão convencidas e dispostas a renunciar não só seus bens materiais, se necessário for, sacrificar suas vidas. Sem nenhum afã de cair na idealização, permito-me, entretanto, afirmar que é quase impossível encontrar em outra organização um conjunto de pessoas tão comprometidas com seus ideais e tão alheias às pretensões pessoais. Entre essa juventude, se selecionou a minha custódia”. (página 334)

Extraído da Obra “Escritos”, de Leon Trotsky, tomo XI, 1939-40, vol.1, editorial pluma

.....
(1) León Sedov (1906-1938): filho mais velho de Trotsky, se uniu à Oposição de Esquerda e acompanhou seus pais em seu último exílio, como o mais próximo colaborador de Trotsky em sua luta e como co-editor do *Biulleten Opozitsi*. Viveu na Alemanha de 1931 a 1933, e depois em Paris, onde esteve até sua morte nas mãos da GPU. *Escritos 1937-1938* inclui uma avaliação de sua vida e morte.